

## DENOMINAÇÃO DE RUAS

Orosimbo Maia, Prefeito Municipal de Campinas, etc.

Faço publico que, em virtude de deliberação da Camara Municipal, em diversas datas, foram dadas as seguintes denominações ás ruas do bairro da Villa Industrial, desta cidade:

*João Theodoro* — da rua Dr. Salles Oliveira para a chacara da «Arvore Grande»;

*Dr. Pereira Lima* — do logar onde se bifurcam a estrada velha de Limeira e a que segue até a rua Dr. Salles Oliveira;

*Alferes Raymundo* — da rua Dr. Salles Oliveira (fundos das officinas da Companhia Mogyana) até o campo;

*Barão de Monte-Mór* — da rua Francisco Theodoro (á esquerda da Imigração) até o campo;

*Francisco Egidio* — da mesma rua (á direita da Imigração) até o campo;

*Amador Bueno* — da esquina de Abraham Frainer (rua Francisco Theodoro) para o campo;

*Antonio Manoel* — da rua Francisco Theodoro até a chacara de Roberto Paton;

*Venda Grande* — ao becco situado na rua Francisco Theodoro;

*Prudente de Moraes* — dessa rua para o caminho do Matadouro;

*Rangel Pestana* — da mesma rua até a chacara de Raphael Pisani;

*Corrêa de Lemos* — da rua Francisco Theodoro para o «Parque Corrêa de Lemos»;

*S. Carlos* — da mesma rua Francisco Theodoro até o citado jardim;

*João Jorge* — a antiga Avenida Municipal.

Em observancia do art. 7.º da lei n. 87, de 10 de Março de 1902, e para conhecimento de todos, expede-se o presente. Eu, Leopoldo Amaral, secretario, o escrevi.

Campinas, 7 de Novembro de 1908.

OROSIMBO MAIA.

(Extraído da página 48 do livro "Leis, Resoluções e Mais Actos da Câmara Municipal de Campinas em 1908")



A "Aurora Campineira" surgiu no dia 4 de abril de 1858, o primeiro clarão moral exatamente a simbolizar o amanehcer da civilização em nossa terra.

A oficina da "Aurora Campineira", localizava-se à rua do Pórtico 17 (Ferreira Penteado) quase esquina com a rua Bica Grande (Irmã Serafina).

O prelo foi adquirido pelos irmãos Teodoro do francês Hercules Florence, inventor da poligrafia.

Os irmãos Teodoro, respeitadores que foram sempre da lei comunicaram aos membros da Câmara Municipal e início de suas atividades, com o nome de Silva & Irmão.

Constituíam a firma os filhos do alferes Joaquim Theodoro da Silva, português que foi negociante em Santos: João Theodoro, nascido na cidade litorânea a 4 de maio de 1834 e Francisco Theodoro de Siqueira e Silva, nascido em Campinas a 15 de março de 1836. A mãe: Maria Barbara de Siqueira e Silva, campineira.

A "Aurora Campineira", no fim do segundo ano de existência, cessou a publicação, regularmente feita aos domingos durante esse tempo, para dar espaço a outro periódico.

#### "O CONSERVADOR"

"O Conservador" surgiu a 10 de junho de 1860 e desapareceu a 11 de novembro do mesmo ano, tendo saído com idêntica pontualidade no princípio de cada semana.

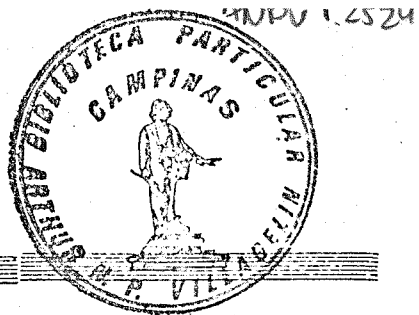
Propriedade ainda de Silva & Irmão, tinha como editor o sócio gerente da firma.

Mas, porque órgão oficial do partido que tirava o título o respectivo diretório confiou sua redação a Francisco Antonio de Araújo, nascido em Mogi Mirim a 17 de julho de 1835. Era de temperamento ardoroso, que revelara nas pugnas forenses a recomendação para dirigir a nova folha, a qual vinha opor-se aos liberais, seus adversários.

Depois de um processo instaurado contra "O Conservador", na pessoa do responsável João Theodoro, a imprensa de Campinas tão bem estreada no convívio das idéias, emudeceu por espaço de 9 anos, tantos quantos se faziam mistério para Quirino dos Santos, Campos Sales, Jorge de Miranda e Francisco Glicério, amigos uns, discípulos outros.

Pelo exposto os irmãos Theodoro e Francisco, extinto aos 56 anos de idade, em 7 de fevereiro de 1889 e João, aos 62, em 6 de junho de 1889 foram os implantadores do jornalismo em Campinas,

(Extraído de "Historico dos Primeiros Periódicos de Campinas", à pág. 10, da edição do Correo Popular" de 06-abril-1958 - Centenário da imprensa campineira)



# O anoitecer da imprensa romântica

## ca em Campinas

(Conferência proferida pelo jornalista

JULIO MARIANO

Dia 30 ultimo, no Municipal, quando a Organização Artística Prata da Casa prestou homenagem a cinco veteranos integrantes da imprensa local

A imprensa amanheceu romântica, em a provinciana Campinas.

Despontando em o histórico 4 de abril de 1858, quando de muito uso nas letras em prosa e versos do Brasil-Imperio aqueles deliriosos mas já excessivamente gastos babados românticos, de moda em declínio em a velha Europa, o jornal — "Aurora Campineira" — dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva, era folha que se idealizara e se plasmaria sob a influência de gosto, costumes e credo espiritual em predomínio na época ou meio ambiente.

Gazeta romântica desde a legenda feita cabeçalho — "Aurora" —, que rememorando os primórdios da imprensa fluminense em jubileu, também diz da doce e brilhante claridade que precede o nascimento do sol, dos ruidosos e festivos clarins da alvorada, que no canto épico de Leopardi é o instante em que volva a verdade a terra e se afastam as vans imagens, a luz, no entanto, derramada das quatro páginas e colunas pobres do pequeno jornal, em verdade não seria mais que bruxoante chama de candela, a tentar espantar sombras de incultura e preconceito, na cidade ainda quase burgo, que se formara e se espalvara nas paragens do antigo sítio "Campinho".

Essa, realmente a verdade sobre o claro da "Aurora Campineira", como folha do amanhecer de nossa imprensa. Mas para João Teodoro, tipógrafo letrado que a imaginou, fundou e redigiu, manejando com desembarço e destemor a pena de pato, seria como que uma explosão de luz em o escuro da ignorância e superstição do meio por demais provinciano, fora lançada à publicidade como tribuna de liberalismo. Inteira mente devotada a causa do povo, órgão capaz de rebeldia ante as mandas da terra. E tudo isso, considerando o tempo, cultura, engatinhamento em progresso da evolução social, era romantismo puro!

Antes do mais, tentemos definir esse romantismo, para que não aconteça ser tomado em o sentido mais vulgar do vocábulo, fazendo crer em algo semelhante aos suspiros à luz, por entre quadrinhas chorosas, dos passados cantores caneludos, e estrelados de madrigais.

No jornalismo, ou na literatura propriamente dita, assim como nas demais bellas artes — a música, pintura, escultura, arquitetura —, são evidentes certos característicos de forma, de idealização, de gosto, identificando este em aquele grupo de fillados à mesma arte, resultando daí a classificação das escolas, que as possuímos inúmeras, sendo, porém em o trato, mais familiares, o clássico, o romântico, o moderno, o futurista ou o existencialista. Em se referindo ao romantismo, nos o compreendemos, aqui, no interpretação que lhe dá um Pierre Lasserre. Revolução espiritual,

foi o romantismo uma desordem que abraçou os sentimentos e as idéias, uma insurreição do instinto contra a razão. Tem, assim, um significado mais amplo que simples moda literária ou corrente artística. Abrangendo a política, no campo das idéias, com derramado humanitarismo pretende interferir nas leis e chocar-se, não raro, com a autoridade constituída. Para o romântico, a boa política seria o domínio de fatos individuais, sujeitos ao acaso ou aos arcanos da história, e insubmissos a qualquer princípio de regularidade. Revolucionário apátrido, de origem em Jean Jacques Rousseau, o romantismo investe contra as regras abstratas, contra o convencionalismo e o arbitrário das ingerências governamentais. Quando se nos oferece aparentemente reacionário, com o católico Chateaubriand, nem por isso deixa de ser filho espiritual do mesmo Rousseau, opondo-se a aliança selada entre a burocracia e o despotismo, — se identificando com o revolucionário no campo social.

Em resumo: com a tendência de conferir aos sentimentos, e não à inteligência, o direito de supremo guia da vida, quer para o indivíduo, quer para sociedade, o romântico, quando não mergulha em pessimismo lírico, doentio, descrendo de tudo e de todos, arquiteta para a própria existência um poema épico de lutas e rebeldia, feito cavaleiro andante de passadas eras, um só, de lança em riste, a esgrimir contra todos os poderosos, desbaratando-os, vencendo-os, para a exaltação lírica dos fracos e humildes. Assim, o romântico despreza o pacote burguês. E o burguês, do ciclo do romantismo, na definição de Theophile Gautier, "era mais ou menos todo o mundo, os banqueiros, os corretores de câmbio, os tabelhões, os negociantes, os farmacêuticos, quem quer que participasse do misterioso cenáculo e ganhasse prosaicamente a vida".

Tornemos, porém, a João Teodoro de Siqueira e Silva e seu modesto hebdomadário — "Aurora Campineira".

Jornalista tipógrafo, sem o canudo de bacharel de um Hippólito José da Costa, João Teodoro, de natural avéss a barretada a governos e governantes, tão somente se deixara apaloxnar pelos princípios liberais, divulgados pelas seltas maçônicas, esparramadas, na época, por ai tudo da provincia. Evocando à distancia de um século, em perfil de largas e esfumadas pineladas, o pioneiro da imprensa na "Princesa, D'Oeste", se nos apresenta rematando os próprios artigos nos calvinistas poerentes de antônimo, irrelando o voo largo das atropeladas idéias, para que melhor as pudesse conter, ajetar em períodos, com os caracteres tipográficos em vagem um a um, da caixa sola ao conpendedor.

Revelado o tipógrafo a ninguém é dado estranhar este

mor e bellecosidade em João Teodoro, que andou as turras, aos trancos, por causa do jornal, molestando-se humizandose até ao ódio, com a gente grãuda da terrinha, inclusa uma autoridade de alto porte como o meritíssimo juiz da Comarca, O tipógrafo, ou o impressor, de antanho, quando mesmo arastando a pretensão lugênia de poder consertar o mundo, nivelar a sociedade a golpes de panfletos ou a explosões de dinamite, era não raro um idealista sincero, brigão pelo que possuía de convicções próprias. Manejando sem galanteio de estilo ou esbanjamento de retórica a pena de jornalista, acunctea descambar a pasquinadas, meter o befecho em escândalos jamais arredando pé, no entanto, da trincheira de combate à cuja bandeira se engajara. O antigo tipógrafo, na falta de religião que lhe falasse do céu costumava ser devoto a princípios, conceitos amassados no terra a terra, que dissessem de reivindicações sociais.

Homem do povo, gazeteteiro afeccionado à luta, João Teodoro pelejou em época qua, no dizer de Alberto Faria, era dos "assalariados porretes, moedores e atrevidos", das "venalíssimas garruchas, liquidadoras de telmossos". Possivelmente ameaçado de muitas tundas, não se amedrontou. Se, houve alguém por estas bandas desefoso de fazer engolir a folha impressa, em a qual se estannasse um de seus artigos mais contundentes tal violência, muito em uso no interior até quase os nossos dias, com ele João Teodoro não se consumou em fato para o registro das crônicas. Por outro lado, ditheiro algum se lhe meteu na alzebra, para a compra de opção ou de elogio. Durante os dois anos de vida publicitaria da "Aurora Campineira", arcou o jornalista pioneiro com a trabalhadeira de dirigir, compôr, imprimir e distribuir semanalmente, a folha, aos seus 120 assinantes, que mais não os teve. Quanto aos louros conquistados, se resumem no fato de o jornalista ter aguentado a mão em quinze processos, por delitos de imprensa quinze? Talvez catorze porquanto em o décimo quinto processo, condenado o gazeteteiro-tipógrafo a sete meses de prisão, a cumprir no "Lamoeiro" capocio do Largo da Matriz Velha houve por bem fugir e homiztar-se em fazenda agrícola de amigo.

Com isto veio a ruir, em 1860 aquela primeira tenda jornalística da veia Campinas desfilando-se João Teodoro de seu romantismo épico e gazeteteiro, quebrando de vez a pena de pato com a qual esgrimia nos editoriais, fazendo-se pacato buruato, homem de negócios, a aceitar encomendas em sua tipografia de impressos duramente comerciais.

Melancoico capitão do amantecer da imprensa campineira, cujo lumino o de aurora colorido bonito de alvorada uma simples nuvem do poder burguês, materialista e utilita-

rio a seu modo, apagou, eumbando o céu da "Princesa D'Oeste" durante anos e anos que se seguiram ao episódio de João Teodoro. Mas o jornal, que na expressão do bispo castelhano Dom Lopez Palaez, são folhas desprendidas da arvore da Clépica, que por um instante sobem, remoinham ao sopro da tormenta, para depois tombar ao solo e confundir-se em o po do esquecimento, o jornal retornaria a Campinas, animado por empresas mais sólidas, ficando estacas mais fundas que se alastraram em raízes, criando, assim em definitivo, a era da imprensa na cidade imperial.

Esse meio dia da imprensa campineira foi todo ele, ainda, gloriosa aventura de gazeteiros românticos.

Precisamente a 31 de outubro de 1860, surgiu à luz a "Gazeta de Campinas", cujo fundador e primeiro redator-chefe se sagrara poeta com a publicação das "Estrelas errantes", e reuniu em sua tenda de trabalho para o gazetismo bi-semanario alguns moços imbuídos de sonhos literarios, entre os quais o também poeta de merecimento, João Quirino, Jorge Miranda, Campos Sales e José Bonifácio do Amaral. Lançado o jornal sob bons auspícios, não tardou muito para que em a redação da rua de Galvão, esquina da rua Formosa (Doutor Quirino e Conceição de hoje), a poeta se consorciasse a política, política de moços, e de ver agitando em meio ao Imperio, do sr. Dom Pedro Segundo a ideia de uma república nos moldes da de 93, na Franca Compende de-se o revolucionismo romântico dessa "Gazeta de Campinas", também abolicionista, de vez que a "Historia dos Girondinos", de Lamartine, e os inflamados romances de Vitor Hugo eram devorados no original, pela Juventude letrada do interior da provincia. Foi a literatura romântica francesa, talvez mais que a influência norte-americana, o que alimentou o ideal republicano da hora primeira, entre nós conquistando desde logo os jovens Campos Sales e Francisco Gilcrist. Este ultimo antigo aprendiz de tipógrafo na oficina gráfica de João Teodoro que abraçado a um violão de serenatas, cantava, ao luar, possivelmente os próprios versos líricos adotando a "Marselheza" como himno de guerra, esses republicanos segundo arotou Dillveira Vianna, "sonhavam utopicamente um governo do povo um governo de opinião, a maneira anglo-saxonica, num país em que a opinião, a maneira anglo-saxonica não existe." "E como não podiam realizar o seu ideal nem compreender, caastamente a causa dessa impossibilidade irritavam-se, impacientavam-se, desesperavam, e, invadidos, afinal pelo ceticismo acabavam — como se dizia — "perdendo a fé nas instituições". Romantismo puro, ateadado nas colunas da "Gazeta", após o lançamento do primeiro numero de 1870.



Mas Campinas, em a década ... 1870-1880, oferecia já campo propício à imprensa. A política em efervescência, as idéias em choque, as folhas periódicas iam apontando aqui e ali, não importa se para o florescer de um dia como as rosas de Melherbe. Não diremos de todos esses jornais, e sim unicamente do "Diário de Campinas", que revelou os Sarmiento e Henrique de Barcelos para a história da imprensa campineira.

Aventura heroica e pitoresca, a que se entregaram juntos, amigos e quase irmãos, os irmãos Antônio Duarte de Moraes Sarmiento, Henrique de Barcelos e José Gonçalves Pinheiro. Isto, antes dos idos de março de 1874. Não eram acadêmicos e nem pertenciam ao círculo de poetas e literatos da "Gazeta", de Quirino dos Santos. Simples ajudante de guardalibros, o Moraes Sarmiento, e caixeiro de loja de ferragens o Barcelos, faziam ambos boa companhia com o aprendiz de alfaiate Gonçalves Pinheiro. Rapazes burgueses. Filhos de famílias burguesas. A aventura se lhes ofereceu, um dia, com o remate, por Antônio Sarmiento, do antigo prédio caído, da "Aurora Campineira", que se encontrava jogado num galinheiro, fundo de quintal da progenitora dos irmãos Teodoro de Siqueira e Silva. E os três imaginaram, daí, o lançamento de "A Mocidade", cujo lema de combate seria a defesa dos direitos da "classe caixeiral"!

Capital, para início da empresa, não dispunham de nenhum, porquanto a aquisição do prédio, camuado se ultimou com trezentos mil réis, que Antônio Sarmiento tomara emprestado. Certo, porém, é que se "virando" e se desdobrando os três, em atividade manual e cerebral, partejavam "A Mocidade", que evoluiu em "Atualidade", um ano decorrido. Isto é, em 1875, se travestia no masculo "Diário de Campinas", primeiro cotidiano a surgir na imprensa local, para a esplendorosa jornada do abolicionismo, além das outras campanhas políticas ou de sentido humanitário.

Belo fruto, colhido da sementelha de romantismo puro.

A velha "Gazeta" e o antigo "Diário de Campinas", são jornais que legaram à geração de gazeteiros do presente sãntua tradição épica de lutas e conquistas, no terreno das idéias, mas de mingua metal sonante. O gazeteiro do passado, de memória ilustre, poderia exclamar, orgulhoso, como o esquecido herói de medievo romance de cavalaria:

— Meus arreios são as armas. Meu descanso, peláhr!"

Para esse gazeteiro, hoje histórico, como certos monumentos ou objetos de museu, o direito de uso ao título — jornalista — quando se lhe conferia, é porque houvera cavalegado valentemente em o largo terreno das lutas, onde as polémicas se travavam violentas e frequentemente também, para as folhas, três ou quatro, de opiniões divergentes entre si, cada qual desfaldando bandeira própria, o combate vivo, cotidiano, era a sua razão de ser.

Ainda no decorrer do primeiro quartel do século vinte, a imprensa local, em sequência ao gazetismo praticado em os remotos dias de João Teodoro, Quirino dos Santos, os Sarmientos e Barcelos, lembrava tudo de romantismo em suas atividades e modo de encárrar o mundo, os complexos problemas sociais. Uma imprensa que, permanecendo democrática nos moldes da Constituição da primeira República, era ciosa da verdadeira liberdade e individualismo, jamais aceitando freio algum à liberdade de opinião, de crítica e de crença, quer em a palavra falada, em praça pública, quer em a palavra escrita do mais rebelde dos pasquins.

Tais liberdades, hoje, como sabemos, facilmente se concedem e facilmente se cerceiam. Quando não às claras, mediante providências devidamente camufladas, com o manejo de interesse ocultos.

Sensível aos temas humanitários e populares, respingados de nacionalismo e baítrismo, quase jacobinos, a imprensa, inda de ontem, de prêmios cambiais composta em caixotins sujos, de um punhado de tipos móveis, sovadíssimos, era por demais lírica em sua crença de que o jornalismo se fizera exclusivamente para o sacerdote de idéias, juntos às massas, e boêmia de espírito de seus redatores, os homens da madrugada, os cruzados da peleja rude, cotidiana, em prol dos pequenos, dos humildes, os que destemerosamente investiam com a pena rombuda, feito lança, contra os abusos dos coronéis da política e privilégios de senhores da fortuna!

Isto, em nossos dias, além de romantismo puro, é um tanto perigoso para a estabilidade do jornal. Pode constituir crime de agitação, subversão da ordem social vigente, delito mais ou menos semelhante ao que perpetuou Catilina na maldição dos séculos.

Em vergade, outros tempos, outros costumes. Coincidindo o advento da modernidade e melhor aparelhada imprensa, em Campinas, com o definitivo anacronismo do jornalismo romântico, tudo teria que ser diferente. Homens e máquinas. Não é mais aventureiro e perigosamente incerto o ser jornalista, quando a profissão se tornou comum e pacatamente burguesa, semelhante, como diria Theophile Gautier, a do banqueiro, do corretor de câmbio, do tabelião, do negociant., do farmacêutico, quem quer, enfim, que ganhe prosaicamente a vida. Na maioria das vezes, os profissionais de nossas gazetas, não mais confinam as próprias atividades com a primeira hora da madrugada. Outros, igualmente chamados "profissionais", ignoram o que seja o interior de uma oficina de jornal.

Em compensação, a classe ilustre, não mais de gazeteiros e sim de jornalistas, devidamente reconhecidos por sindicatos e entidades conêneres, evoluiu extraordinariamente, proliferou asombrosamente! O seu quadro, oportunamente divulgado, ao ensejo das festas centenárias deste abril, bem informa a quantos possa interessar, facilitando as buscas do his-

toriador futuro, que Campinas atual é povoada de uns quatrocentos ou quinhentos jornalistas! Todos eles, com o favor de Deus, vivos e sãos. Dissêmos quatrocentos ou quinhentos, avaliando por alto, porquanto a lista de nomes que se remete à posteridade é longa e não encoraja muito à contagem. Seriam um milheiro, talvez.

Sim. Outros tempos, outros costumes. Em a época na qual colaciona publicar-se diariamente nesta "Princesa D'Oeste" o "Correio de Campinas", o "Comércio", "Cidade de Campinas" e o novíssimo "Diário do Povo", a soma de gazeteiros por estas bandas não atingiria a casa dos trinta. Mas isto, convém assinalar, foi em a década 1910-1920. Desd'áí, progredimos muito!

Definitivamente encerrada, com a moderna imprensa, a atividade romântica e gazetismo épico de nossos jornais, mesmo assim uns quantos gestos de puro romantismo acontecem por aí, com este ou aquele homem de jornal, gestos que dariam assuntos a coloridas crônicas literárias. Para dizer só dos mortos, lembramos, entre alguns, o caso de José Dias Leme, quando convidado para redator-chefe do "Correio Popular", em o ano de 1948. Jornalista literato, à antiga, que passara pela chefia da segunda "Gazeta de Campinas", o amigo Juca, fino cronista, poeta delicado, todo êle sensibilidade para as artes e coisas da tradição, aceitara o convite que lhe fizeram, para dirigir o "Correio", marcando dia e hora para assumir o cargo.

Chega o dia de véspera. Em visita ao jornal, certamente para os preparativos de posse de suas funções, inicia o bom Juca Leme conversa com um dos diretores da empresa jornalística. Indagá da coluna de noticiário de falecimentos. Quer saber o porque de os necrológios passarem todos pela gerência. Informado de que tais notícias eram págas, o Juca estranha e protesta. Aquilo não podia ser. Cobrar notícia de falecimentos? Com êle, José Dias Leme, à frente da redação do jornal, não se cobraria mais o necrológio. O diretor, mui delicadamente, fez ver ao Juca que êle pretendia invadir seara alheia, interferindo na parte econômica do jornal, quando o seu cargo seria o de redator. Teinha daqui, turra daí, e o resultado foi renunciar o Juca o cargo de redator-chefe do "Correio Popular", que nem ao menos houvera assumido.

Romantismo puro, o do saudoso José Dias Leme, e anacrônico para a época.

Lembramos, ainda, do caso de Benedito Florêncio, acontecido no "Diário do Povo". Cronista durante longos anos da secção "Tome Nota", que lhe confiaram, o Florêncio era vivo e gaio, em seus escritos, usando de sal grosso e pimenta em os comentários de fatos do dia. Popularizado como poucos, devido ao "Tome Nota", mal deixava transparecer o que lhe ia de sentimentos mais elevados, no íntimo Supunham-no, geralmente, boêmio incorrigível, com de todas as troças, metido em todas as pan-

degas e até malandragens. O coraço de Benedito Florêncio unicamente revelava derramada ternura, quando discursava êle aos homens de sua raça, aos pretos. Ai, aos arreoubs da eloquência, a voz se lhe esganiçava e os olhos se lhe tornavam rasos de pranto... Era, então, o tribuno e paladino de todos os negros, seus irmãos!

Gravemente enfermo, o Florêncio, lá em São Paulo, rodeado dos carinhos do único filho e velha esposa, presentiu que ia morrer, que não tardaria muito em fechar os olhos para o mundo. E lembrou-se do "Diário do Povo", jornal que lhe fora mais que simples campo de atividades literárias, em anos acumulados, que lhe fora como que uma religião, a segunda família, o seu teto de mais noites dormidas, porquanto de Benedito Florêncio, gazeteiro boêmio, tinha arrumado o seu catre desde há muito ao pé da máquina impressora do "Diário". O enfermo, se arrastando como pôde, fugiu dos seus, ganhou a estação e tomou passagem para Campinas. Embrulhado em cobertor, foi deitar-se na dura e pobre cama, ao pé da impressora do jornal. Era seu supremo desejo, o morrer ali...

Dias depois, o filho, reconduziu Florêncio a São Paulo, quase à força. Não durou semanas...

Coisas românticas, doridamente românticas, de passados gazeteiros desta velha Campinas.

Testemunhos vivos, dessa imprensa de ontem, seus lidadores, ai estão: o venerando Antonio Franco Cardoso, diretor-fundador do "Diário", após estreito companheirismo com Barcelos. E o lema do velho Cardoso, quando diretor ativo de jornal, era o "meta o pau!" Um Tasso Magalhães, passado pela secretaria do "Diário do Povo", de Alvaro Ribeiro e Cardoso, e que posteriormente chefiou a redação do "Correio Popular" e fundou, com sacrifício das mingua las economias, o seu próprio jornal "Jornal de Hoje", — folha que, por excesso de romantismo de idéias e crenças revolucionárias e pobreza de capital sonante, não vingou. Um Benedito Cavalcante Pinto, redator-chefe de lutas, em a segunda "Gazeta de Campinas", cujo empastelamento, em 1930, tentou impedir, êle só, frente à multidão politicamente fanatizada e êbria para a desordem. E êle, Cavalcante, peito à vela, sem armas outras que os próprios punhos, expôs-se inutilmente a um quase trucidamento, por amor ao jornal! Ai está o Sarmientinho, repórter desde o ano de 1910, memória viva para quantos fatos policiais se sucederem neste derradeiro meio século de nossa Campinas. Ai está o Carlos Alberto de Oliveira, repórter de todas as festas que se realizaram em quarenta anos, nesta "Princesa D'Oeste", e que como correspondente de "O Globo", do Rio, almeja a eternidade...

Companheiros vivos, da imprensa de outros tempos, a todos êles nós rendemos as nossas homenagens, neste complemento de festas centenárias do jornalismo campineiro, cujo romantismo anacronístico, morreu!